

Como lidar com a disforia de gênero (transexualidade)

Sobre o organizador

Alexandre Saadeh

Médico psiquiatra e psicodramatista. Doutor em Ciências pelo Instituto de Psiquiatria (IPq) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). É médico supervisor do Serviço de Psicoterapia do IPq-HCFMUSP e coordenador do Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (Antigos) desse mesmo Instituto; e professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Alexandre Saadeh (Org.)

Como lidar com a disforia de gênero (transexualidade)

Guia prático para pacientes,
familiares e profissionais de saúde



Copyright © 2019 Editora Hogrefe CETEPP São Paulo

Editora: Cristiana Negrão
Capa e diagramação: Claudio Braghini Junior
Preparação: Joana Figueiredo
Revisão: Silvana Gouvea

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S116c
Saadeh, Alexandre, 1961-
Como lidar com a disforia de gênero (transexualidade) : guia prático para
pacientes, familiares e profissionais de saúde / organização Alexandre
Saadeh. - 1. ed. - São Paulo : Hogrefe, 2019.
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85439-72-9
1. Transexualidade - Miscelânea. 2. Identidade de gênero. 3. Transexuais -
Psicologia - Miscelânea. 4. Sexo - Diferenças. 5. Distúrbios da diferenciação
do sexo. I. Título.

CDD: 305.3

18-54510

CDU: 305-055.3

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.
Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Hogrefe CETEPP
R. Comendador Norberto Jorge, 30
Brooklin, São Paulo – SP, Brasil
CEP: 04602-020
Tel.: +55 11 5543-4592
www.hogrefe.com.br

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer for-
ma ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópias e gravação)
ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita.

ISBN: 978-85-85439-72-9
Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação	9
1 O que é disforia de gênero?	13
1.1 O que significa disforia de gênero?	13
1.2 Onde está o diagnóstico nos manuais de psiquiatria?	14
1.2.1 Quais são as possíveis manifestações?	17
1.2.2 O diagnóstico é importante?	21
2 O que é ideologia de gênero?	23
2.1 Origem	23
2.2 O que significa a ideologia de gênero?	26
3 Quais são as causas da disforia de gênero	31
3.1 O que é identidade de gênero?	31
3.2 O que é papel de gênero?	32
3.3 E a identidade do indivíduo?	33
3.4 O que é orientação sexual?	33
3.5 Há hipóteses psicológicas para a transexualidade?	34
3.6 Há hipóteses biológicas para a transexualidade?	35
3.7 O que é disforia de gênero?	36
3.8 Como se dá o trabalho no Amtigos?	37
3.8.1 Por que isso ocorreu com meu filho?	37
3.8.2 Isso é doença?	38
3.8.3 Há como evitar ou prevenir que isso ocorra?	38
3.8.4 É culpa de alguém?	38
4 Disforia de gênero na infância	41
4.1 Por que transexualidade na infância é um tema tão falado nos últimos anos?	43
4.2 A partir de que idade podemos falar sobre a identidade de gênero?	44
4.3 Qual a diferença entre gênero e sexo biológico?	45
4.4 Quem são as crianças transgênero e quando sofrem de disforia de gênero?	45
4.4.1 A criança mal compreendida em sua identidade de gênero pode adoecer?	46
4.5 A solução é fazer uma cirurgia para mudar o sexo das crianças?	47
4.6 Como eu sei se é ou não uma fase?	47
4.7 É possível interferir para que uma criança seja incongruente ao sexo de nascimento?	48

5	Disforia de gênero na adolescência	49
5.1	A incompreensão faz parte da adolescência? É assim?	49
5.2	Para adolescentes trans é diferente?.....	51
5.3	E como a transexualidade impacta a vida de um adolescente?	51
5.4	Por que tanta incompreensão?	52
5.5	Como funciona a terapia?	54
5.5.1	Quando procurar terapia para um adolescente?.....	54
5.6	O acompanhamento dessas questões no Amtigos	55
5.7	Nome social	56
5.7.1	É necessário usar o nome social para ser identificado?.....	56
5.7.2	Tem de fazer algum documento para uso do nome social?.....	57
5.8	O que é passabilidade?	57
5.9	As pessoas transexuais conseguem se formar?.....	58
5.10	A família precisa de cuidados?.....	59
6	O papel dos pais e das escolas no acompanhamento de crianças e adolescentes	61
6.1	Como ocorrem os grupos de pais de crianças e adolescentes?.....	61
6.2	Qual o impacto na família quando percebe a transgeneridade de um filho?	62
6.3	O que acontece nos grupos e qual sua importância?.....	62
6.4	Crianças	63
6.4.1	Todas as crianças sabem, com segurança, definir seu gênero?.....	63
6.4.2	A partir de que idade as crianças manifestam esse fenômeno?.....	64
6.4.3	Escolhas ou gostos definem a identidade de gênero?.....	64
6.4.4	Se coibir, mudaremos o comportamento?.....	65
6.5	Adolescentes	65
6.5.1	Qual a importância do grupo de pais de adolescentes?	65
6.5.2	Como é ter um filho adolescente transexual?.....	66
6.5.3	Quais os principais temas tratados entre os pais no grupo?	66
6.5.4	Quais os principais temas tratados entre os pais e os filhos no grupo?	67
6.5.5	Qual o papel da família na transição e no amadurecimento desses adolescentes?.....	68
6.6	Crianças e adolescentes.....	69
6.6.1	O que muda na vida da criança ou do adolescente quando a família o aceita?.....	69
6.6.2	Qual a experiência pessoal desses pais?.....	69
6.7	Escolas.....	70

6.7.1	Qual o papel da escola na vida de crianças e adolescentes transexuais?.....	70
6.7.2	Como surgiu no Amtigos o grupo de orientação às escolas?...	71
6.7.3	Como são os grupos de orientação para as equipes pedagógicas?.....	72
7	Disforia de gênero na fase adulta	75
7.1	Conceitos para entender a disforia de gênero em adultos	75
7.2	Dados sobre a transexualidade	77
7.3	Cenário no Brasil	78
8	Avaliação psicológica e neuropsicológica em crianças e adolescentes com disforia de gênero.....	83
8.1	Como é feito o diagnóstico de disforia de gênero no Amtigos?	83
8.1.1	Por que fazer o diagnóstico de disforia de gênero?.....	83
8.2	Qual a função da avaliação transdisciplinar?.....	84
8.3	Qual a importância da avaliação psicológica e neuropsicológica?.....	84
8.4	E por que avaliar crianças e adolescentes com questões de gênero?	85
8.5	O que é “transdisciplinaridade”?.....	85
8.6	Como é feita a avaliação psicológica e neuropsicológica no Amtigos?.....	86
8.7	Quais instrumentos são utilizados nas avaliações psicológicas e neuropsicológicas no Amtigos?.....	87
8.8	Conclusão	88
9	Acompanhamento psicoterapêutico na disforia de gênero.....	89
9.1	O que é acompanhamento psicoterapêutico?	89
9.2	Mas como funciona esse processo?.....	90
9.3	O que é sofrimento psíquico?.....	90
9.4	Por que as pessoas têm vergonha de falar que fazem psicoterapia?	91
9.4.1	Uma vez iniciada a terapia, você vai ficar preso nela para sempre?.....	91
9.4.2	Como ajudar se as dificuldades do paciente são únicas?	92
9.5	Psicoterapia é a mesma coisa que autoajuda?	92
9.6	Como funcionam as regras na psicoterapia?.....	93
9.6.1	Como funciona a psicoterapia para os transexuais?	94
9.6.2	Quais questões importam no trabalho com os transexuais?.....	94
10	Acompanhamento endocrinológico na disforia de gênero.....	97
10.1	O que é a puberdade e como se desenvolve?.....	97

10.2	Como lidar com a puberdade em uma criança com incongruência de gênero?.....	98
10.3	Quais os principais efeitos colaterais?.....	99
10.3.1	Quando pode começar a hormonioterapia cruzada (hormônio do gênero com o qual se identifica)?.....	99
10.4	Terapia cruzada de hormônios sexuais em adultos	100
10.5	O que é terapia cruzada de hormônios sexuais?	100
10.5.1	Como se faz a terapia cruzada de hormônios sexuais?	101
10.5.2	Por que fazer terapia cruzada de hormônios sexuais?	102
10.5.3	Quando iniciar a terapia cruzada de hormônios sexuais?	103
10.5.4	O que esperar da terapia cruzada de hormônios sexuais.....	103
10.5.5	Quais os riscos associados?.....	105
10.5.6	Terapia cruzada de hormônios sexuais até quando?	106
11	Direitos das pessoas trans	107
11.1	Cidadania das pessoas trans no Brasil	107
11.2	O que é identidade de gênero?	107
11.3	Como a diversidade de gênero é vista no Brasil?.....	108
11.4	Quem tem o direito de ter seus direitos garantidos?	110
11.5	E os direitos das pessoas trans?.....	111
11.5.1	O respeito ao Estado laico pode ajudar	111
11.6	Direitos civis.....	112
11.6.1	O que fazer com os documentos?	112
11.6.2	E no caso das crianças trans?.....	114
11.6.3	Principais conquistas de direitos LGBT no Brasil.....	114
11.7	Nome social	115
11.7.1	O que é o nome social e qual sua importância?.....	115
11.8	Direito ao próprio corpo	116
11.8.1	Obstáculos para realizar mudanças corporais.....	116
11.9	Despatologização.....	118
11.9.1	O que é a despatologização e por que ela é importante?.....	118
11.9.2	Manuais diagnósticos: despatologizando as identidades trans?.....	120
11.10	Direito à saúde.....	121
11.10.1	O que garante o direito aos cuidados em saúde das pessoas trans?	121
11.10.2	O processo transexualizador foi feito para quem?.....	122
	Conclusão	125
Anexo	Serviços de referência para o processo transexualizador no SUS	127
	Referências.....	133
	Sobre os autores.....	139

Apresentação

Trabalho há quase 25 anos com a população transexual. Comecei ignorante, em uma época em que só se falava no assunto de maneira discreta e em pequenos círculos. Era uma questão de vergonha e, várias vezes, fui questionado por que havia escolhido trabalhar com essa população.

Devo muito aos meus pacientes. Eles me ensinaram que disforia de gênero (transexualidade) e incongruência de gênero é uma questão de saúde, que envolve a medicina, a psiquiatria, a nossa sociedade e a cultura.

Desde a época da ditadura, dos processos sofridos pelo professor Roberto Farina,¹ a medicina brasileira havia abandonado a população transexual ao esquecimento e à marginalidade dos serviços de saúde.

Na minha formação médica, ouvi o saudoso professor Armando Canger Rodrigues, de Medicina Legal, citar a população transexual e reconhecer sua exclusão social.

Em 1997, o Conselho Federal de Medicina (CFM) assumiu a tarefa de incluir essa população novamente como cidadãos brasileiros. De início, de maneira tímida, experimental, e hoje, em um trabalho intenso de revisão da resolução de 2010, o CFM prepara uma nova resolução que garanta direitos e acesso a toda a população trans brasileira.

Em 2010, criei no Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (Ipq-HCF-MUSP) o Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (Antigos). Para isso, contei com o apoio de todos os professores titulares do Departamento de Psiquiatria e muitos ami-

¹ Cirurgião plástico que nos anos 1970 fez a cirurgia de redesignação sexual em uma mulher trans e foi processado criminal e profissionalmente por isso.

gos, psiquiatras do Instituto, em especial os doutores Táki Cordás e Daniel Barros.

Naquela época, o Amtigos começou atendendo a população adulta, já com protocolos de acompanhamento estabelecidos.

No entanto, guardava dentro de mim uma pergunta: Onde estão as crianças e os adolescentes, já que 99,99% dos adultos referiam que tudo começara na infância?

Eles eram invisíveis!

No final de 2010, chegaram os dois primeiros adolescentes de 17 anos e, no final de 2011, a primeira criança com 4 anos.

Desde então, o número de crianças e adolescentes matriculados no ambulatório cresceu exponencialmente. Em 2015, o Amtigos fechou as triagens para a população adulta, pois não daria conta de atender a todos.

Hoje, o Amtigos acompanha crianças e adolescentes das mais variadas faixas etárias.

No Ambulatório não se medica nem se hormoniza crianças, mas, quando indicado, propõe o bloqueio no início da puberdade, o que evita sofrimento desnecessário de mudanças corporais em púberes que apresentam o diagnóstico de disforia de gênero. O mesmo procedimento é adotado com a hormonioterapia, que só é realizada em adolescentes após os 16 anos.

Nessas situações, conta-se com a parceria profissional, afetiva e efetiva do professor Durval Damiani e da Dra. Leandra Steinmetz, do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Além da colaboração do Instituto da Criança, o Amtigos sobrevive graças aos colaboradores voluntários que dão “sangue e vida” aos acompanhamentos e às atividades, que foram criadas pelos Amtigos e que são usadas por seus profissionais no cotidiano.

É importante agradecê-los e aplaudi-los pelo excelente trabalho e pelo cuidado ao fazê-lo.

Por fim, agradeço especialmente a todas as famílias que confiaram seus filhos aos profissionais do Amtigos. São crianças e adolescentes maravilhosos que poderão viver com menos discriminação, sofrimento, humilhação e exclusão, que tantos adultos viveram, vivem e ainda relatam nas consultas, acolhimentos, sessões de psicoterapia e acompanhamentos.

Sinto-me realizado e completo com esse trabalho. Hoje, dar voz e poder ouvir crianças e adolescentes em suas verdades e existências é transformador, não só para eles, mas para todos nós do Amtigos. O trabalho com crianças e adolescentes não precisou ser fundamentado na chamada “ideologia de gênero”, que nem é ideologia em si e cujo nome correto é *teoria Queer*. Essa teoria é importante para o movimento *gay* e para as neofeministas, pois tratam da inclusão social e sua aceitação, mas que na questão trans é falha em não reconhecer a base biológica, apenas a sociocultural da questão.

Ver uma criança, antes triste, isolada e pensando em morrer, voltar a sorrir, frequentar a escola, ter um nome no qual se reconhece, e ser amada e aceita por sua família, é algo que me faz acreditar que juntos é possível transformar uma, poucas, ou muitas vidas.

No Amtigos, todos estão comprometidos com as crianças, adolescentes, famílias, escolas, locais de trabalho, ou seja, com a vida humana. E é esse o objetivo deste livro: tornar tangível e visível o projeto desenvolvido pelo Ambulatório, no qual é baseado, fundamentado em suas ações. Cada capítulo foi escrito por profissionais que acompanham há anos a população transexual e que desejam divulgar que o trabalho é possível, mas árduo e, só com a superação de preconceitos, crenças e ideologias, é possível realizá-lo. Os primeiros capítulos conceituam cada aspecto do trabalho desses profissionais, para, a partir daí, em capítulos subsequentes, abordarem o trabalho específico.

Como lidar com a disforia de gênero (transexualidade)

Conto com a leitura cuidadosa, desarmada e colaborativa de todos aqueles que possam se interessar pelo tema, que é apaixonante, sem dúvida, mas dolorido também.

Alexandre Saadeh
Coordenador do Ambulatório
Transdisciplinar de Identidade de Gênero e
Orientação Sexual (Antigos) do IPQ do HCFMUSP

1 O que é disforia de gênero?

Daniel Augusto Mori Gagliotti

1.1 O que significa disforia de gênero?

Para se compreender o termo disforia de gênero é preciso entender o significado das palavras que compõem o termo, seu histórico e suas aplicações.

A palavra disforia é proveniente do vocábulo grego *dysphoros*, formado por dois radicais que juntos significam “dificuldade em suportar”. Em um contexto psiquiátrico, ou de saúde mental, utilizamos disforia para definir um estado de incômodo ou não satisfação em relação a algo e que causa uma profunda perturbação mental e/ou física, com afetos de tristeza, raiva, sofrimento, angústia, culpa e irritação, a ponto de deixar o indivíduo vulnerável a quadros de depressão ou ansiedade, por exemplo. Quadros disfóricos também podem ocorrer quando os indivíduos não se sentem confortáveis com o próprio corpo, como na disforia de gênero, tema deste capítulo.

A construção do gênero e da sexualidade faz parte de um processo longo e particular no decorrer da vida e ocorre por meio de aspectos biológicos, aprendizagem e vivências durante nossa história. Segundo o DSM-5, o manual diagnóstico psiquiátrico da Associação Americana de Psiquiatria, alguns termos se diferem em características bem estabelecidas, por exemplo: “sexo” é utilizado para classificar a anatomia humana referindo-se a um corpo físico e biológico, definido pela genética, pela presença de um aparelho

genital que difere o ser humano como macho ou fêmea (Nogueira, 1993; American Psychiatric Association, 2013); já o gênero refere-se ao contexto social do indivíduo e simboliza um sistema de relações formado por uma série de regras, comportamentos, culturas e construções corporais não garantidas pela biologia, mas influenciadas por ela.

No caso de pessoas transgêneras, as características e as identificações masculinas e femininas, ou seja, sua identidade de gênero, são diferentes de sua anatomia de nascimento, ou seja, de seu sexo biológico (Lowy, 2003; Oliveira & Knöner, 2005; Saadeh, 2004).

1.2 Onde está o diagnóstico nos manuais de psiquiatria?

Recentemente, o termo **disforia de gênero** foi estabelecido no DSM5, substituindo o termo transtorno de identidade de gênero, com o intuito de diminuir a estigmatização e ampliar o respeito e o acesso à saúde, uma vez que a não identificação de uma pessoa com seu sexo anatômico não representa uma desordem mental. Essa mudança também visou englobar a disforia em crianças, adolescentes e adultos. Esse termo surgiu por meio de uma revisão dos critérios diagnósticos do DSM-IV-TR para transtornos de identidade de gênero, frisando a discordância entre o sexo anatômico e como ele é vivenciado pelo indivíduo, com a presença marcante de angústia e sofrimento clinicamente significativo associado a essa condição. Dessa maneira, a alteração do DSM-5 levou a ênfase da problemática clínica à disforia e não mais ao gênero.

A Tabela 1 mostra os critérios diagnósticos da disforia de gênero, presentes do DSM-5.

1. O que é disforia de gênero?

Tabela 1. Disforia de gênero no DSM-5

Em crianças	Em adolescentes e adultos
A) Uma diferença definida entre gênero experimentado/expresso e gênero atribuído no nascimento, por pelo menos seis meses de duração, e manifestada por pelo menos seis critérios dos seguintes (obrigatório um deles ser o critério A1):	A) Uma diferença definida entre gênero experimentado/expresso e o gênero atribuído no nascimento, com pelo menos seis meses de duração, manifestada por no mínimo dois dos seguintes:
A1 - Desejo persistente e forte ser do outro sexo ou insistência que pertence ao outro sexo.	A1 - Incongruência acentuada entre gênero experimentado/expresso e características sexuais primárias e/ou secundárias, ou em adolescentes as características secundárias previstas.
A2 - Em meninos (gênero designado), uma preferência forte por <i>cross-dressing</i> ou preferência por trajes femininos; em meninas (gênero designado), preferência por vestir roupa masculina típica e resistência em vestir roupas femininas típicas.	A2 - Forte desejo de livrar-se das características sexuais primárias e/ou secundárias, em razão da diferença acentuada entre o gênero experimentado/expresso, em adolescentes jovens, desejo de impedir o desenvolvimento das características sexuais secundárias previstas.
A3 - Forte preferência por papéis transgêneros em brincadeiras de faz de conta e fantasia.	A3 - Forte desejo de possuir as características sexuais primárias e/ou secundárias do outro gênero.
A4 - Preferência por brinquedos, jogos, ou atividades típicas do sexo oposto.	A4 - Forte desejo de pertencer ao outro gênero ou algum gênero alternativo diferente do designado.

(continua)

Como lidar com a disforia de gênero (transexualidade)

Tabela 1. Disforia de gênero no DSM-5 (conclusão)

Em crianças	Em adolescentes e adultos
A5 - Forte preferência por brincar com pares do outro gênero.	A5 - Forte desejo de ser tratado como do outro gênero ou algum gênero alternativo diferente do designado.
A6 - Em meninos (gênero designado), forte rejeição de brinquedos, jogos e atividades tipicamente masculinos e forte evitação de brincadeiras agressivas e competitivas. Em meninas (gênero designado), forte rejeição de brinquedos, jogos e atividades tipicamente femininos.	A6 - Forte convicção de ter sentimentos e reações típicos do outro gênero ou algum gênero alternativo diferente do designado.
A7 - Desagrado com a própria anatomia sexual.	
A8 - Desejo intenso em adquirir as características sexuais primárias e/ou secundárias compatíveis com o gênero experimentado.	
B) A condição está associada ao sofrimento clinicamente significativo ou ao prejuízo no funcionamento social, acadêmico ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.	B) A condição está associada ao sofrimento clinicamente significativo ou ao prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.
Especificar se: Com um transtorno de desenvolvimento sexual.	Especificar se: Com um transtorno de desenvolvimento sexual. Pós-transição social.

Fonte: American Psychiatric Association, 2013.

1. O que é disforia de gênero?

Em junho de 2018, a Organização Mundial de Saúde (World Health Organization, 2018) anunciou o lançamento da 11ª edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, conhecida como CID-11. O manual ainda não está traduzido para o português e tem previsão de início de aplicabilidade nos diversos sistemas de saúde mundiais a partir de 2022. Pela primeira vez, nessa classificação, a transexualidade ou a disforia de gênero (conforme mencionado anteriormente na classificação do DSM-5) passa a ser chamada de incongruência de gênero, a ser dividida em infância e adolescência/adultos, e seus códigos não são mais alocados nos transtornos relacionados à saúde mental, mas em outro capítulo relacionado à medicina sexual e de gênero.

1.2.1 Quais são as possíveis manifestações?

As manifestações da disforia de gênero são muito parecidas entre elas, sendo a transexualidade uma das possibilidades existentes. Tal fato, pela sua complexidade, acabou gerando terminologias muitas vezes confusas a esse respeito, que aparecem o tempo todo nas diferentes mídias e redes sociais (Tabela 2).

Tabela 2. Os diferentes termos e definições de disforia de gênero

Termo	Definição
Cisgênero	Homem ou mulher cuja identidade de gênero concorda com seu sexo biológico (características físicas) e com seu comportamento ou papel considerado socialmente aceito.

(continua)

Como lidar com a disforia de gênero (transexualidade)

Tabela 2. Os diferentes termos e definições de disforia de gênero (continuação)

Termo	Definição
Transexual	Pessoa cuja identidade de gênero e/ou seu papel de gênero (o que uma pessoa diz ou faz publicamente para expressar sua identidade de gênero) é diferente do gênero atribuído ao seu nascimento, geralmente ligado à anatomia da genitália externa. Pode ou não ter realizado hormonioterapia ou procedimentos cirúrgicos, como a cirurgia de transgenitalização.
Travesti	Usado no Brasil para identificar uma pessoa que nasceu com as características físicas do gênero masculino, mas se identifica com o gênero feminino. Vivencia papéis de gênero femininos, mas não se reconhece como homem ou como mulher, mas como membro de um gênero próprio: travesti. Pode recorrer a cirurgias plásticas ou hormonioterapia para adequar seu físico à sua identidade.

(continua)

1. O que é disforia de gênero?

Tabela 2. Os diferentes termos e definições de disforia de gênero (continuação)

Termo	Definição
Intersexo	Antes chamados de hermafroditas ou pseudo-hermafroditas, são homens ou mulheres que nasceram com alguma anomalia ou malformação na genitália masculina ou feminina e por vezes necessitam de hormonioterapia ou cirurgias durante seu desenvolvimento.
Não binários/Genderqueer	Pessoas que não se identificam com o gênero masculino nem com o gênero feminino ou transitam entre os gêneros.
Cross-dresser	Pessoas que gostam de usar roupas ou acessórios relativos ao gênero oposto ao do seu nascimento, na maioria das vezes não em tempo integral, e não há identificação pessoal com o gênero oposto. Pode estar associado a situações de fetiche (quando a pessoa obtém alguma gratificação sexual ou utiliza roupas e acessórios do gênero oposto para obtenção de prazer sexual).

(continua)

Como lidar com a disforia de gênero (transexualidade)

Tabela 2. Os diferentes termos e definições de disforia de gênero (conclusão)

Termo	Definição
<i>Drag queen</i>	Pessoa que se veste ou usa acessórios femininos estereotipados ou exagerados para <i>shows</i> e <i>performances</i> artísticas.
<i>Dragking</i>	Pessoa que se veste ou usa acessórios masculinos estereotipados ou exagerados para <i>shows</i> e <i>performances</i> artísticas.
Transformista	Termo muito popular nas décadas de 1980 e 1990 que se referia a homens que se vestiam como mulheres para apresentações performáticas sem vivência integral ou identificação com o gênero feminino, e sem relação com a obtenção de prazer sexual.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Expressões como **disforia de gênero**, **transtorno de identidade de gênero**, **transtorno de identidade sexual**, **transgênero** foram e ainda são utilizadas como sinônimos, designando uma síndrome ou um conjunto de sinais, sendo a transexualidade uma das possibilidades diagnósticas dessa síndrome.

1.2.2 O diagnóstico é importante?

Uma questão que se torna relevante em nossos dias é se a disforia de gênero seria um diagnóstico médico-psiquiátrico ou a patologização de um comportamento verdadeiro, uma criação de nossos tempos e de uma sociedade caracteristicamente conservadora, na qual as normas cisgêneras e heterossexuais são mais comuns.

Desde o início dos primeiros ambulatórios de assistência à saúde da população transexual, em meados dos anos 1990, a maioria dos adultos transexuais trazia histórias de negligência, abandono familiar e barreiras de acesso à saúde já na infância. Sentiam-se emocional e fisicamente abalados e tinham um pobre ou nenhum suporte social, expressando afetos de sofrimento e problemas de saúde relacionados às experiências vivenciadas.

Até hoje, há inúmeras barreiras a serem vencidas no que diz respeito ao acompanhamento em saúde das pessoas transexuais, sendo esta população considerada vulnerável a transtornos mentais, como ansiedade e depressão; problemas físicos, como as infecções sexualmente transmissíveis; e sociais como o baixo nível socioeconômico. Dessa maneira, diagnósticos em saúde são essenciais para a compreensão do indivíduo, dos fatores protetores e dos fatores de risco que possam influenciar a vulnerabilidade a qualquer desfecho negativo em termos de saúde.

A população que apresenta disforia de gênero, especialmente crianças e adolescentes, necessita urgentemente de serviços que ajudem a prevenir e reduzir os riscos associados às experiências traumáticas, que tanto impactam a vida de adultos transexuais que nunca tiveram a oportunidade de um suporte assistencial em saúde (Lobato et al., 2017).

Ter um diagnóstico é o requerimento formal para acesso ao sistema de saúde brasileiro, que atualmente é baseado, regulamentado e ge-

rido de acordo com os códigos e parâmetros da Classificação Internacional de Doenças (CID), da Organização Mundial de Saúde (1993), que está em sua 10ª edição.

O diagnóstico autoriza o profissional a realizar intervenções de cuidados em saúde, incluindo intervenções médicas, como assistência em saúde mental, hormonioterapia e realização de cirurgias.

Diagnosticar não pode ser visto como sinônimo de patologizar, e diagnóstico não deve ser entendido como sinônimo de doença. Isso significa uma qualificação médica diante do que está sendo observado no âmbito da saúde física, mental e ambiental, também com um olhar para as vulnerabilidades do indivíduo no meio em que está inserido, permitindo ao profissional ter um olhar amplo de cuidado àquela pessoa que busca acolhimento e orientação.

Crianças, adolescentes e adultos transexuais precisam ser aceitos, respeitados e inseridos na sociedade, e cabe aos profissionais também lutar por mais tolerância à diversidade. Questões éticas e profissionais estão presentes quando, diante de uma criança, adolescente ou adulto com manifestações de disforia de gênero, é preciso buscar evidências científicas e elucidar essas manifestações, psicopatológicas ou não.